

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Diário de Notícias*

Class.: *Direitos Indígenas*

Data: *15 de janeiro de 1984*

Pg.: *DINR0056*

190
O espírito da Confederação dos Tamoios continua vivo

Quando hoje temos notícias sobre índios elas sempre se referem à situação absurda e de miséria em que têm vivido nossas tribos. Fazer a mera denúncia não muda em nada o problema. Os processos de extermínio aos quais foram submetidos desde a descoberta do Brasil até os dias atuais foram duros e, na maioria das vezes, violentos. Nesta série de duas reportagens vamos discorrer sobre a fase inicial, quando aqui atuaram os jesuítas, até o momento em que se criou a Funai, destinada a dar amparo aos índios, mas que pouco ou nada tem podido fazer em favor dele, que continua considerado um peso morto para o governo.

João Paulo II disse: "construir a paz pelas obras da paz é difícil e exige a restauração da verdade. Restaurar a verdade é, antes de tudo, chamar pelo seu nome os atos de violências sob todas as formas. É necessário chamar o homicídio pelo seu nome: homicídio é homicídio. É necessário chamar pelo seu nome os massacres de homens e mulheres, quaisquer que sejam os grupos étnicos a que pertençam e seja qual for a sua idade ou condição. É necessário chamar pelo nome de tortura, com as qualificações apropriadas, todas as formas de opressão e exploração do homem pelo homem, do homem pelo estado e de um povo por outro povo. E é preciso fazê-lo, não para se ficar com a consciência tranquila, nem para estigmatizar ou condenar indivíduos e povos, mas sim, visando contribuir para a mudança dos comportamentos e das mentalidades, e para a paz dar a oportunidade de se afirmar".

Depois das palavras do Papa e comprovação de que o que ocorre hoje, com a aculturação, a tomada de terras, a ridicularização de um povo e toda a sua causa, partimos em busca do que a história oficial brasileira se nega a mostrar talvez porque sempre tenha existido, principalmente na causa indígena, o interesse em que se chegue ao extermínio total. No começo da pretensa civilização brasileira, está o fim de todo um povo. Ontem, destruídos em nome da Coroa Portuguesa e de Cristo. Hoje, por interesse de latifundiários e multinacionais.

"Branco é pessoa muito triste. Talvez, por isso, ele faça tanto mal" - afirmou Juruna.

Falar dos índios brasileiros é tocar numa ferida que joga por terra toda a dignidade das populações ditas civilizadas. O colonizador, notório pela sua incapacidade de trabalhar, mas sim de usurpar e espoliar, auxiliado pelos jesuítas que não foram assim tão cristãos como Cristo pedia, levaram-nos, através de um processo histórico, triste e vergonhoso, à situação em que hoje se encontraram.

Oswald de Andrade, líder do Movimento Modernista de 1922, disse

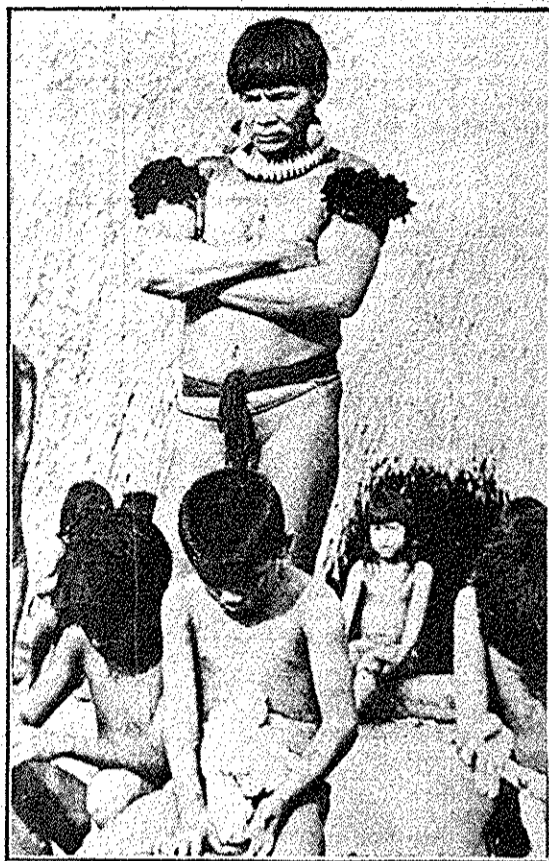
ao se referir aos índios e aos colonizadores: "antes de Cabral descobrir o Brasil, o Brasil já tinha descoberto a felicidade". Sua afirmação pode ser comprovada pela carta de Caminha ao rei de Portugal. Os índios eram fortes e felizes. Foram amistosos e nos receberam bem, tendo inclusive assistido à primeira missa rezada no país. O cacique Tururin (Pássaro Pequeno), da tribo Patoxó disse recentemente: "Por que civilizado faz isso com índio? Cabral quando chegou ganhou muito presente. Índio ensinou como viver aqui, que ele não sabia. Trabalhou pra Pedro, gostou de Pedro e sua gente."

Nos anais da Biblioteca Nacional, vol. 33, Rio 1.914, num depoimento escrito e editado em alemão, datado de 1515, encontramos o seguinte relato feito pelos navegantes portugueses: "o navio está sob a cobertura, carregado de pau-brasil, e na cobertura está cheio de rapazes e raparigas comprados. Pouco custaram aos portugueses, pois na maior parte foram dados por livre vontade."

Pelo que se pode notar, os primeiros contatos foram amistosos. Onde, quando e porque se inicia a violência? A explicação é simples. O índio aceitava a amizade mas nunca a escravidão. E o que pretendiam os portugueses? Era prática comum, na época, a escravidão. O mais curioso é que a Europa, mais especificamente a Península Ibérica, acabara de sair do jugo e dominação dos povos árabes que usavam os mesmos costumes condenáveis, que tanto lutaram para abolir, o que terminou por definir a formação dos estados europeus e a centralização do poder.

Com o expansionismo, os povos ibéricos, os mais fortes na navegação, vieram dar aqui. Não acidentalmente como alguns historiadores querem fazer que pareça. O Tratado de Tordesilhas foi assinado antes que Cabral deixasse a Europa, prova concreta de que já sabiam bem qual o destino da expedição.

A terra era rica, os nativos foram receptivos e a violência tem início quando os portugueses tentam escravizá-los. Quanto à extração e retirada de coisas da terra, os índios não eram contra. De início até colaboraram com os invasores, ajudaram-nos no transporte e retirada do pau brasil das matas litorâneas, ensinaram-lhes uma série de coisas sobre a nova terra. Escravidão nunca. Combates violentos são realizados. Os portugueses se vêm assustados, os índios são muitos e conhecem a selva. São corajosos e grandes guerreiros. Calcula-se que a população total do Brasil, por volta de 1.500 chegasse à casa de 2 a 3 milhões. Já os portugueses até 1.549 não passavam de algumas centenas e aproximadamente 8 mil em 1.600. Como explicar a derrota dos nativos?



O índio já foi amistoso. Depois lutou contra a escravidão.

Escravidão já foi abençoada

Em artigo de Carlos A. Dias, intitulado "O Indígena e o Invasor", está escrito: "na campanha de conquista territorial do Brasil, a superioridade tecnológica do lusitano, não deve ter sido o fator decisivo, seria possível encontrar uma arma capaz de compensar substancialmente a desvantagem instrumental do indígena: o curare." Explica que este veneno fortíssimo seria tão poderoso quanto os velhos arcabuzes. Faz outras afirmações, pelas quais mostra que o fundamental, para o sucesso da empresa colonialista, foram os acordos realizados entre o Vaticano e a Coroa Portuguesa, nos quais desenvolveram uma máquina política-administrativa que conduziu com muita inteligência e perspicácia esse processo. A primeira força militar permanente para a colonização foi criada por volta do final do segundo Governo-geral. A Igreja engaja-se nesta luta de forma política e social atuando junto às expedições militares, absolvendo-as, "em nome de Deus", de todos os crimes que viessem a cometer. "O colonizador matava ou escravizava pessoas de cor, freqüentemente dizimando populações inteiras, com as palavras de conforto e o perdão do missionário."

A entrada da Igreja com tamanha empenho neste processo colonizador tem suas origens na própria Europa. A Reforma havia provocado a sua divisão, gerando grave crise. Era necessário que viesse a se reorganizar e fortalecer e esta seria a grande oportunidade, uma vez constatado o baixo prestígio que ora gozava nos demais países europeus. Os missionários jesuítas, como agentes diretos do Vaticano, partiram para a nova terra, com função remunerada, chegando ao ponto de a administração da Igreja ter tanto peso quanto a da Coroa portuguesa. A grande vantagem dos invasores sobre os nativos estava justamente na coordenação e centralização de suas ações. Aproveitavam-se do regime de vida dos segundos. Os índios se organizavam em micro-domínios, espalhados pelas muitas tabas. Estas, na maioria das vezes, eram formadas de 4 a 7 malocas, vivendo em cada uma cerca de 150 a 300 pessoas. Isto num total populacional de 600 a 2 mil indivíduos sendo a população masculina adulta, apta para a guerra, restrita a 25%, o que era relativamente pouco. Existia grande equilíbrio nestas comunidades. Prevaleciam as relações de parentesco, consanguíneo ou por afinidade, daí sendo as unidades administrativas com predominância do sistema religioso.

Os jesuítas levantaram impunemente a bandeira de que os índios eram indivíduos sem alma, daí a necessidade da cristianização. Um dos baluartes da atuação jesuítica, Padre Manoel da Nóbrega, assim escreveu no seu Plano Colonizador: "depois que o Brasil é descoberto e povoado, tem os gentios mortos e comidos grande número de cristãos e tomado muitas naus e navios e muitas fazendas" - mais adiante - "são estes tão carneiros de corpos humanos que, sem exceção de pessoas, a todos matam e comem e nenhum benefício os inclina nem absterem de seus maus costumes" - segue ainda estimulando a atuação das forças militares e pregando a violência quando estipula que: "se o gentio fosse senhorado ou despejado, como poderia ser com pouco trabalho e gasto, e teriam vida espiritual, conhecendo a seu criador, e vassalagem a S.A. teria grossas rendas nesta terra. Este gentio é de qualidade que não se quer por bem se não por temor e sujeição, como se tem experimentado, e por isso, se S.A. os quer ver convertidos, mande-os sujeitar, escravizar e deve fazer aos cristãos pela terra adentro e repartir-lhes os serviços dos índios áqueles que o ajudarem a conquistar e senhorear como se faz em outras partes das terras novas."

Os conselhos de Nóbrega são seguidos. Os jesuítas criaram aldeamentos onde aliciam muitos índios. Estes denominados "índios dos padres" foram de grande valia nos trabalhos empreendidos para a conquista do território. Com a exploração inteligente por parte dos catequizadores dos conflitos inter-étnicos e das desavenças dos nativos, utilizando-se em larga escala dos mesmos, formaram exércitos com mais de mil índios lutando pela causa portuguesa.

Os nativos livres, em nítida desvantagem, começam a perceber que, caso não se unam, abandonando pequenas chefias e desavenças em prol da formação de um grande exército, serão vencidos e derrotados. Uma das maiores forças anti-invasores, organizada pelos índios, foi a Confederação dos Tamoios.

A Confederação dos Tamoios chegou a dominar os territórios que hoje compreendem os estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e outras áreas com menor intensidade como a serra da Ibiapaba no Ceará, Serra do Capobaba, no Rio Grande do Norte e no Pará.

Quando foi iniciado, com a instituição das Capitânias Hereditárias, a cota de índios para a escravidão, para atender principalmente às capitanias de São Vicente, Espírito Santo, Bahia e Pernambuco, os Tamoios ainda não estavam articulados. Segundo os catequistas, a Confederação foi fundada em 1.554 e teve como líder principal, até sua morte, o guerreiro Cunhambebe.

Índios e missionários lucraram muito

Os maiores adversários dos Tamoios foram os Tupiis, aliados dos portugueses. Compunham a Confederação os Tupinambás, habitantes do litoral de São Tomé, no Rio de Janeiro, até Ubatuba em São Paulo, os guaianás e os carijós que tinham o domínio do Planalto Atlântico. Os carijós, que iam até o litoral sul de São Vicente, os goitacás e aimorés, que viviam na região compreendida entre as serras dos Órgãos e Mantiqueira indo até o Vale da Paraíba.

As forças tamoias chegaram no ano de 1.557 a contarem com cerca de 10 mil homens. Um colonizador que esteve preso entre eles durante 10 meses conta que presenciou o preparo para o ataque a São Paulo de Piratininga em 1.562, dizendo que os guerreiros chegavam à soma de até 12 mil.

As maiores vitórias dos tamoios foram contra os Terminós, aliados dos portugueses que viviam na ilha de Paranapeçu, hoje Ilha do Governador, no Rio, fazendo-os se refugiarem no Espírito Santo, de onde em seguida também foram expulsos, sendo a capitania quase completamente destruída vindo a derrotar inclusive uma expedição enviada por Mem de Sá, que tinha por missão puni-los. Justamente em função desta última derrota é que Nóbrega e Anchieta decidem pelo armistício de Ipepig, no ano de 1.563.

As táticas de guerra dos colonizadores envolveram muitas traições, a Igreja cabeceçou muitas. Nóbrega e Anchieta tentaram dividir a Confederação promovendo tratados de paz em separado com as várias tribos que a compunham. Ambos os jesuítas usaram em demasia do misticismo indígena, chegando ao ponto de Anchieta ser considerado um grande Pajé, enquanto se aguardavam reforços.

Comandando a armada de reforço veio Estácio de Sá. Trazia um total de 2.570 homens e mais um número não estipulado de índios aliados. Na região, segundo relatos dos portugueses, foram observadas a presença de 160 canoas tamoias, tendo uma capacidade unitária de transportar 30 homens, o que os fez supor que estavam ali 5 mil índios da Confederação.

A outra empreitada por Estácio de Sá foi de pequenas guerrilhas e ataques de surpresa, o que demonstra como temiam os adversários. Os combates duraram cerca de 2 anos, quando chegaram mais reforços enviados da Bahia a pedido de Nóbrega. O número de homens fica em dúvida pois são os vencedores que contam a história. A estudiosa e socióloga, Marilena Chauí, disse: "não se conta a história de um povo vencido porque esta história é deturpada pela ótica do vencedor."

Os "índios dos padres" atuaram decididamente nestes combates, prova disto foi o líder do Tereminós, Araribóia, ter recebido como presente a sesmaria de São Lourenço e ter sido nomeado Cavaleiro da Ordem de Cristo pelo Rei de Portugal, de onde passou a receber até pensão.

Os sobreviventes tamoios se refugiaram em Cabo Frio e, posteriormente, foram dizimados, escravizados e espalhados por diversas capitanias. Vencidos os tamoios, inicia-se a dominação do interior brasileiro.

Carlos A. Dias diz que, sendo a "historiografia oficial brasileira, racista na sua origem e irreverentemente adversária em relação às profundas raízes do Brasil, se refere a este episódio heróico e persistente dos tamoios, de imenso significado histórico para o substrato nacional, como simplesmente "expulsão dos franceses do Rio de Janeiro". Os franceses tinham 4 navios na Guanabara com 100 homens em cada. Os tamoios se ligaram a estes por ser mais uma força contra os portugueses.

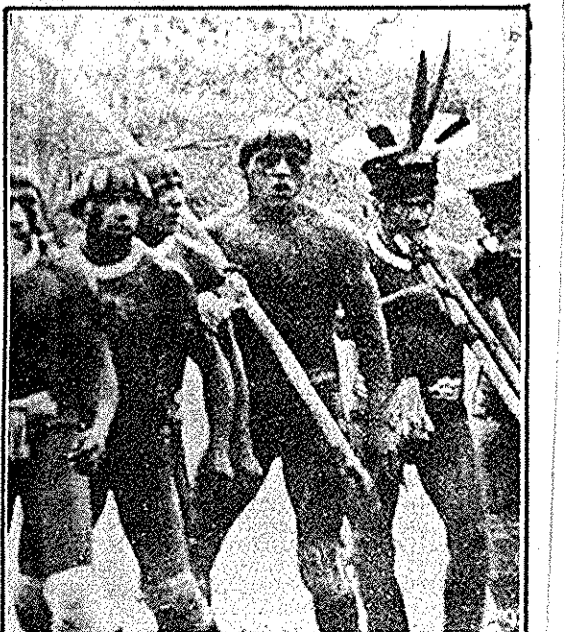
Se não fosse a participação direta da Igreja, a conquista não teria sido feita em tão pouco tempo. O caráter avassalador de aculturação e da doutrina religiosa a favor de interesses econômicos foi decisiva. Realmente, os "índios dos Padres" em muito contribuíram.

A Igreja atuou como catequizadora, promovendo a quebra de toda estrutura social indígena.

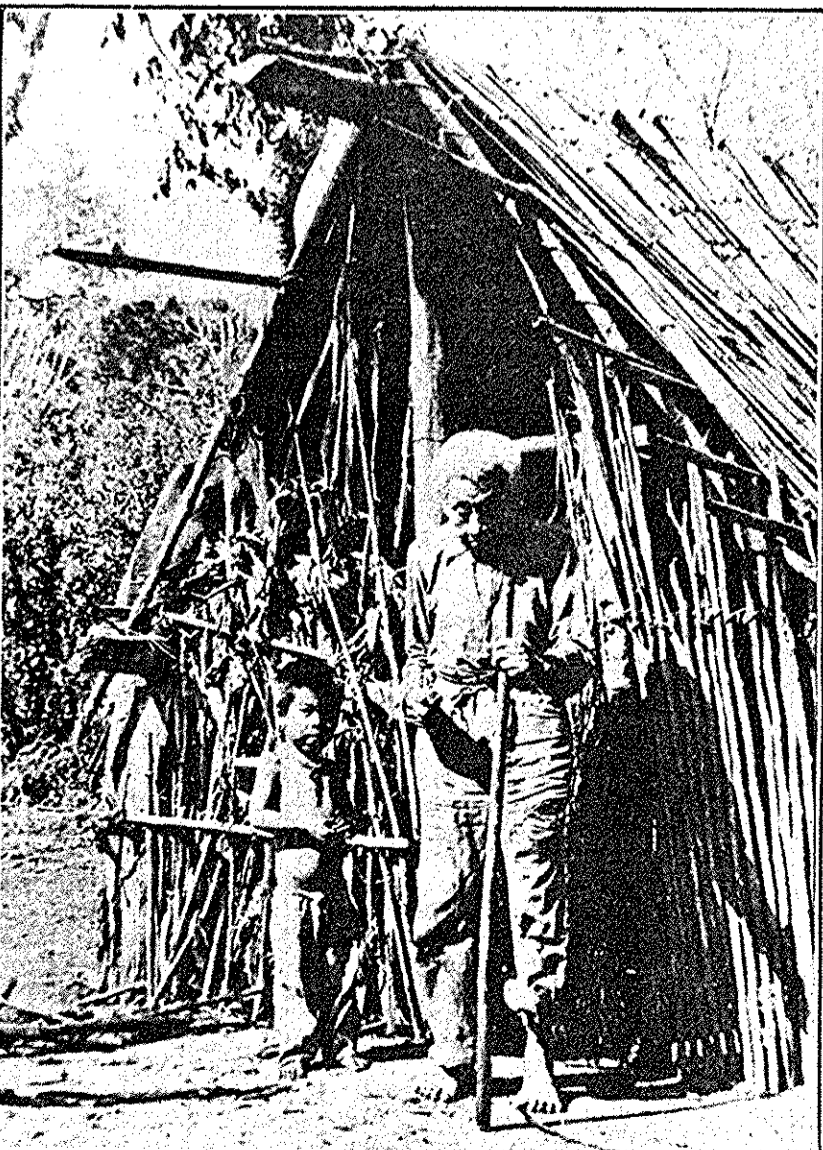
Os lucros materiais, políticos e religiosos foram muitos pois exigiam favores e terra para cada nova conquista efetivada. Em apenas 50 anos, contados após o início de suas atividades no Brasil, a Ordem dos Jesuítas possuía o seguinte montante em terras: O Colégio da Bahia detinha 10% do atual estado. O Colégio do Rio de Janeiro, 3% do atual estado. A ordem possuía apenas 163 missionários e o primeiro colégio apenas 150 alunos.

Com o tempo, nos dois séculos seguintes estas fazendas foram se dedicando às atividades agrícolas, pastoris e ainda à indústria da cortume. Em 1.575, a maior de suas propriedades tinha 9.344 bovinos, 948 eqüinos, centenas de ovinos, 232 senzalas com 700 senos entre negros e índios.

O fato de possuírem tanto, gerou descontentamento de missionários e catequizadores de outras ordens que do mesmo queriam. Colonos também mantiveram atitudes de desgosto. No entanto, só quando Pombal expulsou os jesuítas é que puderam abocanhar um pouco mais em nome de Deus, da Coroa, e com o decorrer do tempo, em nome até dos grandes latifundiários e do diabo das multinacionais.



O vigor e a força em prol da Confederação dos Tamoios.



O índio brasileiro já foi forte. Hoje ele é doente e desamparado.